

R E V I S T A

ISSN 2764-3867

CONHECIMENTO & CIDADANIA

VOL. 1 | N° 12 - MAIO 2022

A mentira revolucionária



Revista Conhecimento & Cidadania

Editorial

Pedro Costa – Editor-Chefe
Munique Costa – Editora Adjunta

Produção e Designer

Edson Araujo
Munique Costa
Pedro Costa

Redação

Edson Araujo
Pedro Costa
Munique Costa

Colunistas

Edson Araujo
Leandro Costa
Mauricio Motta
Pedro Costa

Charges

Patrício Eduardo Dias

O conteúdo do **Caderno ABRAJUC** é de propriedade intelectual e responsabilidade exclusiva da Associação Brasileira de Juristas Conservadores, a Revista Conhecimento & Cidadania, acreditando na relevância ímpar do trabalho e valores da instituição, não faz quaisquer alterações ou deliberações acerca do conteúdo.

O conteúdo do **Caderno Direito nas Escolas** é independente e não tem correlação direta com a linha editorial da Revista Conhecimento & Cidadania.

Todas as entrevistas são previamente consentidas e guardam fidelidade com as declarações dos entrevistados.

O conteúdo desta edição foi produzido por **voluntários** que autorizaram a publicação de seus trabalhos, **não sendo remunerados**, sendo-lhes garantida a menção de autoria.

Revista Conhecimento & Cidadania

Vol. I – Nº 12 – Maio de 2022

Rio de Janeiro – RJ

Curso Menezes Costa – CNPJ 28.814.886/0001-26

ISSN 2764-3867

A mentira revolucionária

Por Leandro Costa

A busca pela solução dos problemas é natural para o ser humano, sejam os obstáculos de menores ou maiores proporções, ora pelo grau de dificuldade, ora pelo número de pessoas ao qual alcança. Não se há como negar que a vida, bem como, a história da humanidade, é uma corrida cheia de obstáculos, os quais têm como principal fator o fortalecimento daqueles que os superam.



Evoluir como indivíduos ou como sociedade é, necessariamente, o amadurecimento, portanto, aprende-se a cada etapa, fazendo com que obstáculos tornem-se degraus e a história seiva como fonte para que não se cometa os mesmos erros. Edificar uma sociedade alicerçada no passado é construir em solo resistente.

*“O conceito de [evolução](#) deriva do termo latim *evolutio* e faz referência à ação e ao efeito de evoluir (desenvolver-se, passando de um estado para outro). A evolução corresponde, portanto, ao desenvolvimento das coisas ou dos organismos, através do qual passam gradualmente de um estado para outro”.*

A importância da evolução é inegável, sendo está a solução dos problemas, pois, dada a solidez de sua base e a gradual mudança, é facultado, tanto ao indivíduo quanto à sociedade, estabilizar um fluxo que corra para fora daquilo que é benéfico. Em outros termos, ao perceber que o veículo começa a sair da faixa, o condutor pode facilmente trazê-lo novamente ao traçado desejado, sem que ocorra uma ruptura capaz de fazer com que o mesmo perca o controle e cause um grande estrago, quiçá, destruindo-se.

O problema reside, justamente, na opção por uma resposta imediata, superando as adversidades através de uma manobra brusca, tentando perquirir um atalho que acaba por ser a ruína dos afoitos e a brecha tal almejada por um tirano, o qual aproveitará a oportunidade ímpar para usurpar o comando daqueles que assumem como verdade a resposta mágica, associando-se aos que anseiam o poder e ludibriando os que se deixaram levar pela falsa promessa de uma abrupta solução milagrosa.

Como a evolução depende de sua base, ela não permite o total desprendimento dos valores basilares do indivíduo e, por conseguinte, das fundações de uma sociedade, posto que, cada membro de um grupo é parte essencial da existência do todo, logo, os não existirá uma sociedade sã se seus integrantes forem despidos de valores morais. Esperar que a imposição de um códex por parte de uma

elite poderosa estabelecerá uma moral coletiva, curvando cada um dos homens, é permitir que a tirania reine no lugar da consciência, fazendo com que, cada membro de uma sociedade espie na figura do líder uma espécie de divindade que deve suplantar todos os males, fazendo de cada indivíduo um ser irresponsável, dependente e escravo, ao passo que se vê como incapaz de conduzir sua própria vida.

“[Evolução](#) indica a ação ou efeito de evoluir. Uma evolução remete para o aperfeiçoamento, crescimento ou desenvolvimento de uma ideia, sistema, costume ou indivíduo”. Neste diapasão, fica claro que a natureza sempre evoluirá, contudo, não há predisposição a manobras bruscas, impedindo assim que tanto um herói quanto um tirano possa alçar o poder de forma repentina. A solidez evita que ideias sem correlação com a verdade sejam impostas aos indivíduos.

Para satisfazer a busca desesperada por uma cura milagrosa de todos os males, surge o pensamento revolucionário, este sim, ávido por mudanças bruscas e dissociadas da realidade, uma vez que, a mente revolucionária acredita que tudo pode ser mudado pela vontade do agente, que toda a realidade é relativa e que o acaso é o senhor da criação, não havendo força maior que moldara o universo, sendo toda sua complexidade um mero resultado de fatos coincidentemente ordenados, uma reação em cadeia de ações subsequentes que acabam por criar uma linha de forma aleatória.

A revolução é um processo de entropia, pois, acredita ter a uma resposta inovadora que é capaz de solucionar quaisquer óbices ignorando as fundações por trás dos fatos, abandonando em um rompante insano toda a estrutura e procurando no fim a forma de recriar algo cuja natureza tem um causa. O revolucionário tentará conter o fluo de um rio sem considerar que a nascente continuará ativa, acreditando que sua represa poderá contê-lo, simplesmente por ter um selo que ateste a qualidade da obra, ainda que, tal atestado seja uma produção meramente cartorária, em suma, pensa o artífice da revolução que uma norma é capaz de resistir aos fatos, mesmo quando esta é editada em inobservância dos fatos.

A [revolução](#), por sua vez, prega a ruptura como a chave para uma sociedade ou indivíduo melhor, focando mais na sociedade, os ideais revolucionários assumem que é possível criar uma realidade, com base na mente dos intitulados iluminados, que reger-se-á em total sincronia, haja vista, que estes indivíduos acreditam ter o destino de mudar os rumos para aquilo que consideram o bem da humanidade. Estes falsos visionários, enlouquecidos pela arrogância e famintos por poder, fazem de sua ilusão algo tão forte e terrivelmente aprisionador que acaba por derramar o sangue daqueles que os alimentaram por sonhar com um mundo melhor.

Importante começar pela Revolução Francesa, a qual podemos considerar como a primeira carnificina feita em nome da ruptura que levaria a um mundo criado pelos iluminados, prometendo a perfeição, o dramático episódio degradingolou para uma derrama sangrenta em busca de uma utopia.

Não cabe uma análise mais aprofundada sobre a [Revolução Francesa](#), não se resume à citada ruptura, mas todas elas. Para compreender o motivo de muitas das revoluções produzirem danos o suficiente para ofuscar quaisquer benesses por ventura alcançadas.

Importante é reconhecer que, no afã de erguer sua obra, os revolucionários constroem suas cidades sobre o terreno instável das narrativas, tentando apagar a história por ignorar que fatos são irremediáveis. Por isso, fazem promessas vazias e iludem suas principais vítimas, não sendo estas, aqueles que a empreitada extermina, mas, os que creem na ruptura e acabam por aprisionarem-se de forma inconsciente, dando poderes aos mestres da revolução por elevarem seus líderes ao status de salvadores iluminados, deixando-se guiar cegamente por esses seres que alegam ter uma visão que levará a humanidade ao utópico paraíso na terra.

As sucessoras da malfadada revolução tornaram a nada saudosa União Soviética um centro que espalhou seu mal pelo mundo, sendo que todas elas apresentavam falsas premissas que seus líderes sabiam que não eram possíveis serem alcançadas. A mentira é a essência dos líderes revolucionários em por isso, tal visão de mundo não é compatível com a fé cristã, tendo em mente que duvidam de uma força maior que move o universo e pensam que podem ressignificar os fatos através da mentira, como sabemos que é o pai de tal artifício, não há como negar a natureza maligna da revolução.

Voltando a França, aproveitando que ainda não se tornou uma nação islâmica ou um cenário pós-apocalíptico, o movimento que derrubou a monarquia daquele país prometeu ao povo que teria como mote três valores, quais sejam, a liberdade, a igualdade e a fraternidade, mas todos, sem exceção tornaram-se mentiras quando alçados ao poder. Estas promessas foram deturpadas pela impossibilidade da revolução alcançar seus objetivos ou, em uma visão mais cética, por serem tão somente iscas usadas por aqueles que conduziram o processo para convencer as pessoas, sabendo que nenhuma das três lhes seriam dadas.

Liberdade por concordar

A primeira mentira dos autointitulados progressistas, que já estava presente nas narrativas dos revolucionários, pressupõe que a queda do monarca traria a liberdade, uma vez que, o detentor da coroa seria o único que gozava de tal direito na sociedade que pretendia-se derrubar. De fato, no sistema absolutista, somente aquele que ocupava o trono poderia exercer a liberdade, posto que, qualquer um que lhe desagradasse ver-se-ia privado da condição de homem livre.

O oportunismo surge justamente quando se espia uma brecha, permitindo que déspotas apontem para o cisco daquele que pretendem depor, ocultando a viga que lhes cobrem os olhos. Como uma receita quase infalível, os revolucionários acham uma vicissitude, quando não a criam, e apresentam-se como senhores de uma solução infalível, que na verdade é uma inatingível promessa, angariando o apoio dos que sofrem os efeitos daquilo que fazem falsas juras de combater.

A ausência de liberdade do regime absolutista é rapidamente substituída por uma paranoia que leva qualquer um que se oponha, ou mesmo questione, os iluminados que ocupam o poder aos corredores de prisões e guilhotinas, [Maximilien Robespierre](#), que se apresentava como um bom intencionado advogado defensor dos pobres, logo que assumira o poder, não se furtou dar cabo aos seus opositores, instaurando uma era de execuções que teve fim somente após o encontro do déspota com a guilhotina em 28 de julho de 1794.

A ideia do Culto do Ser Supremo pretendia estabelecer a crença na deusa da razão, substituindo o catolicismo na França, corroborando a afirmação de que a revolução buscará apagar o passado removendo tudo aquilo que considera um obstáculo. Em uma hipótese na qual o líder revolucionário tivesse implantado com sucesso tal crença, teríamos uma imposição, buscando um alegado “bem maior”, da nova religião aos franceses, resultando na conseqüente proibição da liberdade religiosa, uma vez que, a visão iluminada do mundo deve ser seguida sem questionamento.

Noutro momento, pode-se constatar a União Soviética que, sem o menor pudor, encaminhava aos campos do sistema de Gulag, que substituíra o Kartoga do império, aqueles que ousavam discordar do sistema socialista. Provavelmente, muitos daqueles que apoiaram os bolcheviques na derrubada do Czar, sonhavam com um país livre dos Kartoga, mas foram surpreendidos com a crescente expansão de seu herdeiro soviético.

Regimes revolucionários ainda mantém prisões políticas e cerceamento de liberdades ao redor do mundo, embora alguns países ditos livres permitem prisões de opositores, com base em argumentos como defesa da democracia, por vezes, criminalizando críticas incômodas ou calando até mesmo legítimo representante do povo.

A mentalidade revolucionária é necessariamente relativista, ou seja, tem a tendência a retorcer a realidade para adequá-la à sua visão de mundo, entretanto, como tal feito é impossível, o revolucionário acaba por enlouquecer e assumir uma postura dialética, avançando para uma dissonância cognitiva que termina em uma prisão mental psicótica, na qual, suas ações servem a um imaginário bem maior e, portanto, justificam qualquer que seja o desvio praticado. Não por acaso é comum observar falar contraditórias emitidas pelo mesmo indivíduo em um período curto de tempo e sem uma manifesta conversão a outra corrente, cuja finalidade é adaptar seu discurso ao interesse momentâneo.

Defender a liberdade e ao mesmo tempo submetê-la ao crivo de usa de narrativas para chegar aos seus objetivos, nada mais é que entregar ao grupo que exerce poder sobre outros, de certa forma, os revolucionários transferiram para si a liberdade que só o monarca absolutista possuía, deixando de cumprir a promessa que esta estaria ao alcance de todos.

Todos os animais são iguais, mais alguns são mais iguais que os outros.

A frase cunhada por George Orweel em sua obra *A Revolução dos Bichos* (*Animal Farm*) traduz a segunda mentira da Revolução Francesa, pois deixa evidente que a igualdade que seduzira o povo, não foi alcançada, pois, na verdade, nunca foi o objetivo.

Os regimes que antecederam as revoluções na França e na Rússia não tinham como base a igualdade, sendo aos nobres dado tratamento diverso da plebe, impedindo assim que um plebeu pudesse emergir ao topo de uma sociedade por mais méritos que tivesse. Tal fator, assim com a liberdade, era passivo de exploração pelos revolucionários que prometiam através da república que todos seriam iguais, fazendo com que, aos que não tinham chances de ascender, fosse lhes dada a possibilidade de alcançar quaisquer patamar na estrutura social.

O que mais uma vez foi escondido entre as mentiras, foi que os mais elevados postos estavam reservados aos que conduziriam o processo entrópico revolucionário, usando a massa somente para transferir os privilégios da nobreza aos líderes da revolução.

Não se trata de confrontar os regimes republicano e monárquico, pois ambos, se temperados com ideais de autoproclamados progressistas estarão no caminho das trevas, bem como, se calcados na evolução, poderão ser realmente prósperos. Quando o nascedouro é a mudança abrupta e dissociada da realidade, naturalmente o caos reinará.

A prometida igualdade não acontecerá, justamente, por conta dos que a prometem, pois eles sempre serão mais iguais que os outros, terão liberdade de expressão, o direito a um processo justo, ou melhor, um processo benéfico, enquanto aos outros, podem condenações sumárias, investigações obscuras e cerceamento da liberdade, mesmo no que concerne a fé ou a expressão.

Fala-se em respeito ao passo que juram agressões, tendo em vista que, são irmão na busca pela ideologia totalitária, sempre prometeram igualdade enquanto buscavam uma implantar a ditadura. A lite revolucionária luta para herdar tudo aquilo que invejava dos nobres, usando os insatisfeitos para tocar sua orquestra fúnebre.

O sangue nobre da elite revolucionária.

Como não são, e não pretendem ser iguais, os líderes da revolução consideram-se iluminados e podem se julgar uma elite, colocando-se, em seus discursos, como seres superiores, inatingíveis pelas leis e livres para odiar sem quaisquer consequências. Declamar como um animal raivoso o ódio pela classe média ou afirmar que cidadãos flartam com o fascismo ou o crime organizado, mesmo demonstrando preocupação ímpar com narcoguerrilheiros é permitido aos progressistas, mas questionar uma ordem arbitrária ou aproximações anormais entre determinados atores políticos é, quando praticado por opositores, é considerado mais grave que um crime hediondo.

Eis a terceira mentira contida no mote da Revolução Francesa, a fraternidade, que deveria ser alcançada, na mente revolucionária, pela imposição estatal, o que sabemos ser impossível. Ter alguém

como um irmão é algo que deve florescer no homem, ninguém jamais conseguirá compelir outrem a amar, portanto, o amor fraterno não poderá ser resultado de uma construção artificial.

Irmão naturais desenvolvem a fraternidade não apenas por seu código genético, mas pelo convívio, assim como irmãos em Cristo aprendem a amar o próximo por enxergarem nos outros a criação de Deus, e, por isso, percebem-se como criaturas do mesmo criador, espiando no outro a centelha divina. O amor fraterno é decorrente do apego e não há como fazê-lo de forma artificial ou será frágil como uma peça substituível.

Por outro lado, existe sim uma fraternidade no meio da revolução, a qual inclui tão somente os seus senhores, uma vez que, se unem para impor aos outros um flagelo que não suportam e defendem seus camaradas com afinco, ao menos enquanto for útil aos seus anseios. Tratando-se de víboras, essas criaturas não deixarão de envenenar seus pares quando os considerar inservíveis, não é uma fraternidade real, movida pelo apego ao indivíduo, é uma relação de interesse mútuo que se resume ao avanço da revolução, podendo se deteriorar quando um dos “irmão” deixa de ver presteza no seu par, ou, percebe-o como ameaçador, como o destino que Stalin dera a Trotsky.

Ainda que sejam irmão, déspotas sempre serão déspotas e farão o mal mesmo que suas vítimas estejam mais próximas do que se pode imaginar. Não atoa, é comum casos de ditadores que exterminam seus parentes para que não sejam por eles ameaçados.

Você não terá nada, mas será feliz.

Se o mote da Revolução Francesa parecia possível e se resumia a mentiras bem contadas, na nova narrativa é ainda mais intrigante, haja vista que, não parece ter a preocupação de trazer algo verossímil, afirmando apenas que o indivíduo será despojado de suas posses em troca de uma felicidade.

Sim, parece o anúncio de um entorpecente da pior espécie, temo que de fato seja. Imaginando que um indivíduos em uma condição avançada de dependência química, que já dilapidou seu patrimônio para alimentar sua adicção, vivendo em uma “cracolândia”, cuja mente acredita viver em constante estado de euforia, quando, na verdade, está reduzido ao estado subumano de um zumbi da vida real.

Mais uma vez a revolução promete algo que todos almejam, a felicidade, mas deve se questionar o como se é feliz e se tal felicidade será alcançada por todos ou somente pela elite que segura as rédeas da mudança.

Analisando a forma com a qual os atores do poder no cenário mundial se comportam, totalmente alheios aos anseios dos menos poderosos, calando, prendendo e até espancando que se insurge contra seus desmandos, é de se esperar que a tal felicidade seja um conceito imposto por tais figuras, na qual será redigido a forma de ser feliz e o indivíduo a seguirá sendo assim atendida a premissa prometido.

Caso alguém não atinja a felicidade ora proposta, bastará afirmar que o mesmo não está seguindo aquilo que lhe foi orientado e que sua atitude é negar algo que todos devem ter, o dever aqui é decorrente

da imposição, da maneira que somente um negacionista deixará de cumprir a regra, ou fórmula, da felicidade, sendo que a ciência estabelecera o que é ser feliz.

Para líderes déspotas não há como ir contra algo tão importante, sendo crime contra a humanidade, em verdade contra a revolução, mas é imperioso lembrar que a fraternidade do mal se considera a humanidade e a democracia, por tal razão, atos “antifelicidade” não serão tolerados, mas será para o seu bem, afinal, quem não quer ser feliz. A revolução sempre resultará no caos, mas seus agentes não o fazem por incúria, atuam como o devido dolo para que seu poder se perpetue e sua tirania seja aceita como a única salvação.

A revolução é um veneno que, assim como o arsênio, mata aos pouco sem que a vítima o perceba.



Os Unidos do Tuyutí

Por Maurício Motta



O dia 24 de maio de 1866 representa para a história da América Latina, como o dia em que ocorreu a mais sangrenta batalha ocorrida em solo sul-americano – a Batalha de Tuyuti. Contando com a participação de mais de cinquenta e cinco mil homens, aquela batalha marcou a consolidação das vitórias da Tríplice Aliança (Argentina, Brasil e Uruguai) durante a Guerra do Paraguai, e que culminaram com a morte do presidente paraguaio Francisco Solano López e a rendição paraguaia. Conhecida na Argentina e no Uruguai como a Guerra da Tríplice Aliança; como Guerra Grande, Guerra Contra a Tríplice Aliança ou ainda Guerra-Guaçu no Paraguai, aquela guerra consta dentre os registros históricos mais importantes de nossos vizinhos ao sul. Este é o tema que pretendemos apresentar e sobre o qual buscaremos refletir, com foco especial em Tuyuti.

A região do Rio da Prata, um estuário que reúne as águas dos rios Paraná e Uruguai, desde o período joanino foi de fundamental importância para o acesso e as trocas comerciais com as províncias do centro-oeste e sul do Brasil. Importante não só para o Brasil, mas também para o Paraguai, Argentina e Uruguai. Em termos estratégicos, quem obtivesse o controle da navegação daqueles rios, teria também o controle geopolítico da região sul das américas. Particularmente a região da Cisplatina, conquistada em 1816 no período de D. João VI e perdida em 1828 durante o primeiro reinado de D. Pedro I, já havia sido alvo de disputas entre Brasil e Argentina, abrindo espaço para o surgimento do Uruguai como Nação independente, tendo a Inglaterra como mediadora.

No contexto de disputa geopolítica e de divisões internas observadas no penúltimo quartel do século XIX, o Uruguai se encontrava em guerra civil, dividido entre as forças oficiais de Atanásio Aguirre e os

rebeldes comandados por Venâncio Flores. Paralelamente o governo brasileiro já havia enviado sua diplomacia para discutir aquelas questões políticas internas e a questão dos estancieiros brasileiros, proprietários de terras no Uruguai e que vinham sofrendo ataques e assaltos, tendo muitas de suas cabeças de gado roubadas naquelas incursões. A questão se arrastava desde junho de 1864 sem solução, quando novos fatos precipitaram o início do conflito. Em agosto o governo brasileiro ameaçou promover uma intervenção no Uruguai caso não houvesse solução para a questão dos estancieiros e o fim da guerra civil. No mesmo mês o Uruguai rompeu relações com o Brasil e, em outubro o Uruguai foi invadido pelas tropas do império brasileiro.

Em novembro, percebendo a ameaça que poderia representar a invasão do Uruguai, e temendo o aumento da influência brasileira na região, o governo paraguaio como forma de retaliação, apreende o navio a vapor brasileiro Marquês de Olinda e, em dezembro declara guerra ao Brasil, invadindo em seguida Corumbá e Dourados no Mato Grosso (atualmente localizados no Mato Grosso do Sul), além de assentamentos próximos. Solano López intentava expandir o território paraguaio, ocupando o Mato Grosso, o Rio Grande do Sul, as regiões de Corrientes e Entre Rios na Argentina e por fim o próprio Uruguai. O sonho expansionista de López visava a formação de uma “grande pátria” paraguaia, que faria frente ao império brasileiro e garantiria o controle da navegação dos rios Paraná, Uruguai e do conjunto do Rio da Prata. O acesso exclusivo ao comércio atlântico garantiria riqueza para o Paraguai e tornaria o centro-oeste brasileiro uma região difícil de acessar e manter.

Mesmo com a assinatura do Tratado da Tríplice Aliança em 1865, entre o Brasil, a Argentina e o Uruguai (já pacificado), este fato não impediu a incursão das tropas paraguaias na Argentina e a ocupação de Uruguiana no Rio Grande do Sul. A crença era de que o conflito seria breve e a vitória fácil, dada a superioridade numérica dos aliados, seu maior poderio bélico e seus artefatos tecnologicamente mais modernos. Entretanto, os rios eram domínio das forças paraguaias e seu avanço também em terra somados às suas vitórias, punham em questão a capacidade dos aliados de vencerem o conflito. Porém, ainda em 1865 com a vitória na Batalha de Riachuelo e a retomada de Uruguiana, as forças paraguaias sofrem um revés, ainda não o suficiente para diminuir o seu ímpeto.

A meta dos aliados após Riachuelo, era a conquista de Humaitá. A jornada iniciou ao cruzar o rio Paraná e a efetiva invasão do território paraguaio. Região pantanosa e era de difícil progresso para as tropas de infantaria e cavalaria. De igual modo o transporte de peças de artilharia se demonstrava tarefa penosa para as tropas. Por fim, atacar e conquistar o conjunto de fortificações de Humaitá demandaria inúmeras perdas humanas e despesas.

A base de operações dos aliados foi instalada em meados de maio, no encontro dos rios Paraguai e Paraná, às margens da Laguna de Tuyutí, cerca de 14 quilômetros de Humaitá. A região foi escolhida por ser de terreno seco, algo pouco comum na região. O avanço das tropas encontraria juncos, areais

espinhosos e pântanos até chegar às forças paraguaias, e contou com outro adversário: a cólera. A epidemia fazia numerosas baixas entre os aliados, tornando a missão ainda mais difícil. Outro ponto era a relação de espaço versus contingente alocado. Cerca de trinta e dois mil homens, cavalos e equipamentos, ocupando uma área de aproximadamente 1000 hectares de terra. Espaço exíguo para um acampamento militar e para a perfeita movimentação de tropas com tal contingente.

De acordo com as estratégias militares, consolidadas por milênios de experiências em batalhas campais, atacar um inimigo em sua fortaleza, expõe as tropas a um cenário extremamente adverso. Certamente não seria a estratégia preferida de qualquer general, ainda mais diante das dificuldades de avanço, o cansaço e a epidemia. Ainda assim, o ataque foi marcado para 25 de maio de 1866, porém, Solano López fora alertado da proximidade das tropas da Tríplice Aliança e decidiu surpreender a todos - incluindo seus generais - ao propor um ataque preventivo e de surpresa ao acampamento aliado. Usando de eufemismo, a estratégia era 'inovadora' porque pretendia lançar a cavalaria à frente da infantaria. Algo completamente surpreendente segundo as técnicas usuais de combate da época, que aplicavam inicialmente a artilharia e a infantaria, utilizando a cavalaria para finalizar os combates. Apesar de sui generis, a seus generais pareceu exequível e, considerando que não era possível a qualquer general paraguaio se opor a uma ordem vinda de Solano López, restava pôr em ação seus vinte e quatro mil homens, divididos em quatro colunas: duas à frente, uma na retaguarda, e uma a leste do acampamento aliado.

Antes de prosseguir, cabe destacar que as forças aliadas não conheciam o terreno que intentavam conquistar, desconheciam o poderio bélico paraguaio e não buscaram fortalecer as defesas do acampamento, contando com a aspereza do meio-ambiente como impeditivo para que o inimigo abandonasse sua base segura. A exceção àquela quase consensual displicência estratégica entre o comando aliado foi o tenente-coronel Emílio Louis Mallet, comandante do 1º Regimento de Artilharia a Cavalos do Exército Brasileiro, que ordenou que fossem cavados fossos largos e profundos e que, fossem também encobertos por vegetação para servirem como elemento surpresa e impeditivo para o avanço inimigo. Tal preparativo, além de manter seu regimento constantemente em prontidão, foram o elo forte que manteve firme a resistência e posterior vitória aliada na batalha. Os preparativos de Mallet foram vivamente criticados por seus pares que consideravam desonroso qualquer fuga ao combate aberto, homem a homem.

A inversão da lógica de batalha pretendida por Solano López, associada à postura de Mallet de atenção à defesa de seu flanco na vanguarda do acampamento e, a ampla vantagem oferecida pelos canhões e fuzis raiados, que davam maior precisão no disparo, deram a vitória aos aliados. A desproporção numérica de vinte e quatro mil paraguaios contra trinta e dois mil aliados não teria sido

suficiente para garantir a vitória. O terreno impróprio para uma batalha campal, as sólidas fortificações inimigas, o desconhecimento do terreno e do próprio inimigo contavam contra.

O ataque que deveria ter ocorrido ao raiar do sol do dia vinte e quatro de maio, foi adiado em função da espessa neblina de maio que se abatia sobre a região pantanosa. Apenas nas proximidades do horário do almoço é que os primeiros tiros foram ouvidos, enquanto às centenas, os infantess paraguaios erguiam suas espadas em direção ao acampamento. Os canhões raiados franceses La Hitte, abriram clarões nas colunas formadas pelos paraguaios. Homens e cavalos eram despedaçados enquanto outros caíam no fosso de Mallet (bendito fosso!). As posições aliadas menos preparadas, em pouco tempo se reorganizaram e rechaçaram o ataque usando tanto quanto possível a artilharia. Os corpos se sobrepunham durante a carnificina e aos milhares os paraguaios eram mortos. Também entre os aliados as baixas foram sentidas, em número menor, possivelmente em razão dos mosquetes de pederneira e fuzis não raiados dos paraguaios, o que diminuía a prontidão de uso e a precisão de tiro.

Quase seis horas depois dos primeiros disparos, os sobreviventes paraguaios desataram em debandada apressada. Os aliados contavam perto de mil mortos e quase três mil feridos; entre os paraguaios estima-se que tenham tombado em torno de seis mil homens e entre os feridos um pouco mais de sete mil. Foi uma enorme derrota para Solano López. Quanto aos aliados, elevou em muito o moral das tropas e proporcionou a partir daquele 24 de maio o ponto de inflexão que levou à vitória final da Tríplice Aliança em março de 1870.

Alterando drasticamente nossa análise dos fatos ocorridos entre 1864 e 1870, e avançando para a atualidade, quando lançamos o olhar sobre o cenário eleitoral e político de 2022, mais uma vez constatamos que há muito o que aprender com a história.

Assim como na de Tuiuti, não se pode contar com a superioridade numérica. Mesmo diante de manifestações e motociatas que literalmente tomam as ruas, deixando óbvia a ampla maioria sobre o eleitorado de oposição, as estratégias adversárias podem tentar subverter a lógica e nos pegar de surpresa.

Jamais devemos nos esquecer que, enquanto soldados defensores de valores que transcendem a nós mesmos, ocupamos espaços ainda diminutos, estando cercados por uma ‘região pantanosa’ repleta de juncos, formada ao longo de quase cem anos de história do Brasil. Estes pântanos são formados pelas instituições e órgãos de Estado que se encontram aparelhadas e resistem contra a alteração do status quod. Os juncos são compostos por funcionários públicos, sindicatos, militantes e ONG’s que igualmente resistem ao avanço das ideias e práticas ligadas ao conservadorismo e à libertação do povo brasileiro.

Assim como as tropas aliadas, não conhecemos o território no qual avançamos, visto que permanecemos por décadas na segurança de nossos lares, completamente alheios à realidade cruel do ambiente político e hipnotizados pelas mídias compradas.

A cavalaria foi utilizada em Tuiuti como primeiro artifício, invertendo a lógica das batalhas. Nos tempos atuais a cavalaria assume a forma dos condutores da informação, ágeis e capazes de derrubar qualquer um que se ponha a sua frente. Subvertendo a lógica do conhecimento, a informação trazida pela ‘cavalaria’ supõe colocar-se acima dos fatos, mas ante a potência dos canhões da realidade, é despedaçada e vencida.

Por outro lado, de sorte que contamos com a liderança de um ‘capitão Mallet’, sempre atento às possibilidades de ação dos adversários da Pátria. Tantas vezes seus alertas e suas ações preventivas são tratadas com desdém e tidas como “sem fundamento”. O fosso representado pelos valores da família, da fé em Deus e da defesa da Pátria, garantidos pelo nosso Mallet moderno, é que tem impedido que o inimigo não tome de assalto e de uma vez por todas o nosso acampamento.

Segundo analistas da época, um dos maiores erros estratégicos das forças aliadas foi não ter marchado no rastro dos fugitivos, dando-lhes a chance se reagruparem após a derrota que sofreram em Tuiuti. Igualmente, ainda há entre nossos aliados contemporâneos aqueles que entendem a ocupação e manutenção de nosso acampamento como um fim em si mesmo. Não! Devemos partir e conquistar o quanto antes as posições defensivas de nossos adversários, posto que estão sempre buscando realinhar fileiras contra nós.

Concluimos que no século XIX o controle dos rios Paraná e Uruguai, conduziam à riqueza e prosperidade os seus controladores e conseqüentemente a perpetuação de seu poder. Em nosso passado recente, percebemos que os rios estatais que poderiam servir ao bem comum da população brasileira, na verdade sangravam nossas riquezas e vinham sendo controlados pelos que sempre buscaram se perpetuar no poder, mantendo cativos o pensamento e as potencialidades de nosso povo.

Finalmente, para que nossa batalha não se estenda por muitos anos, vamos enfrentar o pântano, o junco, a cavalaria inimiga, seguindo em frente rumo a ‘Humaitá’, a ‘Assunção’ e finalmente derrotaremos o exército vermelho do ‘Solano López’ contemporâneo, e sua ideologia da “grande pátria” da América Latina. Se antes apresentavam fuzis e mosquetões, agora suas armas são a foice e o martelo. Estejamos atentos!

Brasil acima de tudo, Deus acima de todos!

O exacerbo da depressão e ansiedade.

Por Pedro Costa

Ambas as doenças psicológicas sempre foram presentes na sociedade, visto que podem ser causadas por problemas bioquímicos no cérebro, em neurotransmissores e afins, sendo uma doença “comum”, algo no corpo deixando de funcionar como deveria. Entretanto, são doenças que hodiernamente estão mais presentes, com causas majoritariamente psicológicas, e não pela má produção de algum hormônio.

Dito isto, excluindo os casos meramente corporais, os quais sempre acontecerão, pois imprevistos e mal funcionamentos em nossas células sempre ocorrerão, visamos os casos cujo se concretizam através do indivíduo.

No primeiro momento, lidamos com a responsabilidade, este que é um dos maiores fatores para o produto depressão, quando não é dada da forma adequada. Para falar disto, devemos falar primeiro da geração anterior ao que será usada como referencial, ou seja, classificarei a minha geração (entre seus dezessete e vinte anos) como terceira, os pais desta como segunda e assim sucessivamente para a primeira.

A primeira geração e seus antepassados, eram uma sociedade baseada em valores, os quais jamais teriam vergonha de ser “privilegiado”, e sim, orgulho dos seus pais, avós, bisavós, que se dedicaram tanto para criar algo sólido para a família, tendo o dever de, no mínimo, manter o legado para a próxima geração, portanto, tinha-se a compreensão que nada vem de graça, e que nem todo sucesso foi conquistado às custas do fracasso de outrem, não era uma vergonha se esforçar, almejar algo adiante, não podendo ser confundido ambição com ganância.

Destes, criaram-se a segunda geração, a qual por já ter influência de progressistas na escola, fora do círculo familiar, agendas superlotadas, as quais diminuía o contato dos pais com seus filhos, estes perderam tais valores, iniciando uma mentalidade de que o mundo deveria ser perfeito para ele, sendo uma geração frustrada, a qual passou isto adiante, de uma forma contrária.

Quando a segunda geração teve filhos, os quais as escolas já estavam, basicamente, tomadas por esquerdotas, o sentimento de que o mundo deveria ser perfeito para o indivíduo apenas aumentava, os pais comungavam do mesmo ânimo, estes que pensavam “Como assim meu pai não me deu um carro quando fiz dezoito anos? Que absurdo, é um ultraje passar por isso”, partindo disto, davam para os filhos tudo aquilo que não receberam na infância, em forma de lidar com a frustração.

O produto destes fatores, nada mais é, do que uma geração a qual não sabe a dificuldade de consolidar algo, como mencionado no meu texto exclusivo da [Revista Edição Especial 1](#), acreditam em uma chave para tudo aquilo que querem simplesmente cair do céu, basta virá-la na fechadura.

Partindo deste princípio podemos abordar a responsabilidade mencionada, visto que, alguém que não necessariamente tinha condições para suas cobiças, muitas vezes seus pais entravam em dívidas para bancar os “sonhos” de seus filhos, pois estes se viam frustrados e não queriam passar este “trauma” adiante, fazem com que este jovem não saiba abdicar nada, muito menos ter sapiência do que é realmente responsabilidade.

E onde a depressão e ansiedade entram? Simples, seus pais não são eternos, e com um jovem deste, nem mesmo seu legado será – caso estes em algum momento tenham criado algum – portanto, o mundo visto pelo indivíduo mimado, é um mar de rosas, rosas as quais o ser não faz-se hábil para vislumbrar os espinhos perante vossas ondas, entranhando-se nestas.

De forma mais prática, ao sair da aba de seus pais, tanto por casar-se e ir morar com seu cônjuge, ou pela morte dos genitores, o indivíduo se vê de frente à barreira chama responsabilidade, pois este agora deverá abanar seu próprio carvão – como dizem os mais sábios – isto é uma grande causa da depressão, uma vez que antes o sujeito poderia até trabalhar, mas não detinha em suas costas problemas sem soluções, pois mesmo que houvessem adversidades, teria alguém para resolvê-los em seu lugar.

Abdicar do lazer, ou daquilo que almejava, para dedicar-se à resolução de algo, tanto o tempo, quanto monetariamente, era algo que não ocorria, todavia, tornou-se necessário, o que diminui a produção de serotonina, pois não terá o fim de semana para lazer, nem poderá gastar 80% do seu salário como bem entender, as rédeas de uma família precisa ser tomada, o que agrava o problema quando a pessoa já tem filhos, pois estes precisam sim de responsabilidade, mas de forma gradual, pais que não tomem as rédeas dos problemas criaram um problema similar ou que os pais cujo tomavam as rédeas até demais, também criaram.

Isto é, retornando a segunda geração, alguns não enfrentavam o “trauma” de não ter recebido tudo na infância dando o do bom e do melhor para seus filhos, mas apenas, não lidam com as consequências de seus atos, deixam apenas um dos pais para criar da criança, deixam com os avós, e em casos mais torpes, a criança desde nova receberá uma enorme responsabilidade, o que pode criar alguém forte, ou desestabilizar completamente o infante, e mesmo que não o faça, ainda deixará sequelas, ou ao menos sem um norte de como restituir uma família.

Tendo o lado da responsabilidade explícito, vale aprofundar-se em como a escola e a necessidade de “títulos” afasta o filho de seus pais, problema mencionado na diferenciação da terceira para segunda geração.

Atualmente, faz-se necessário mais do que apenas um ensino médio, muitas vezes, nem pessoas com ensino superior conseguem emprego, precisando de um vasto currículo para um emprego bom, ou contatos, os quais normalmente só serão apresentados ao indivíduo caso esta naturalmente esteja numa “casta” alta da sociedade. Isto é, a criança vai para a escola e passa a tarde em casa, provavelmente longe

de seus pais, visto que estes trabalham, mas o problema acentua-se na adolescência, idade esta a qual o caráter se forma.

Dominando-se a academia, é vantajoso ocupar o máximo do jovem neste local predominante, ou seja, das sete horas até às treze, mantêm-se na escola, retorna para casa ou come fora mesmo, para de tarde ir a um curso de inglês, informática, elétrica, mecânica, design, muitas vezes, fazendo mais do que um, ocupando a semana inteira do indivíduo. Ao chegar em casa depois de receber muita informação, já se esquece da primeira, então faz-se necessário revisar a matéria da escola, e por fim, interagir com sua família, que muitas das vezes todos estarão cansados e ocupados, pois o filho preocupa-se com suas notas, os pais que provavelmente não lidam bem com problemas e possivelmente passam adiante, em forma de descontar, fazendo tempestade em copo d'água pois estará convivendo com uma responsabilidade a qual não consegue lidar, tornando tudo um alvoroço, o que é uma das causas pela falta de serotonina.

Partindo deste princípio, pais que não sabem lidar com problemas, somados com jovens que passam mais tempo com doutrinadores acadêmicos do que com seus genitores, têm-se famílias deturpadas, e, por sua vez, pessoas deprimidas e ansiosas. Uma vez que não tem-se familiares para dividir os problemas – muita atenção na palavra dividir, pois ninguém deve resolver os problemas de outrem, mas dar um apoio, um conselho, ou até mesmo apenas dizer sua opinião, para fazer com que o indivíduo pense por outro prisma, é o papel de uma família – portanto, a pessoa se vê sem rumo, nem esperança, tornando-se uma casca vazia.

O que vira alguém cujo odeia os pais, mesmo que não mencione diretamente, diz ter repulsa de heterossexuais, alguém o qual diz odiar crianças, por isto jamais teria filhos, indivíduo este em que busca apenas poder momentâneo, e não um legado para deixar adiante, este cujo diz que a religião é um ópio, mas que sua maconha é medicinal. Resta meramente uma casca, a qual não tem apreço por nada, além de si próprio.

Como enfrentar um mundo nefasto, em épocas as quais lutar pelo direito de uma criança nascer é motivo para ser visto como um sub ser, mundo este o qual defende-se cracolândias enquanto atacam igrejas, sendo que você não tem nada maior para sustentar-se. Diferente da ganância hodierna vista, onde muitos fazem de tudo pela fama, pela monetização, [gravam-se agindo como animais](#) – literalmente – antigamente, tinha-se como normal uma ambição de tradição, isto é, “o que deixarei para o meu filho?” o rapaz almejava-se ser como seu pai, a moça tinha como motivação, ser tenaz da forma que sua mãe sempre fora. Para chegar em seus momentos finais, e perguntar-se sobre esta meta, o que nos dias de hoje, é completamente deturpado.

Atualmente, tem-se como normal, o filho dizer que tem vergonha dos pais, por serem tradicionais, ou por coisas triviais, como não comungar do mesmo gosto musical, ou de roupas. É natural que estas

coisas mudem, até pela época em que cada um nasceu, mas os valores são algo que tem sido deixado de lado, pelo motivo mais fútil possível.

Conclui-se que, o adulto depressivo, é aquele cujo teve severos problemas para lidar com suas responsabilidades, o que diferencia-se um pouco do jovem depressivo, cujo provavelmente nunca lidara com a respectiva adversidade, pois, assim como nos alimentos, onde você não pode comer proteína, mas também não pode viver de carboidratos, na vida, não é viável viver de lazer em boas memórias, sem ter dificuldades a serem enfrentadas, estas que devem ser crescente, conforme sua maturidade chega.

Não é válido uma criança de oito anos trabalhar para sustentar sua família, assim como não é válido que um adulto de quarenta anos viva às custas dos pais. É como uma balança, ao crescer e ganhar direitos, receberá deveres, ao poder andar na rua sozinho após atingir certa idade, começará a comprar coisas que te pedirem, mesmo que fúteis como comprar um fio, que mais tarde fora percebido que não era necessário, mas isto é para criar um sentimento de responsabilidade no indivíduo desde novo, para que mais tarde, não se frustre quando pedirem para fazer determinado serviço numa empresa, que demande uma semana de trabalho árduo, para no fim, não ser utilizado.

A depressão nada mais é, do que o produto de uma superproteção, do sentimento de que você não precisa ter sacrifícios para ter benefícios, e a ansiedade, por sua vez, é o sentimento da falta de preparo, ou ao menos, que você tenha na sua mente uma falta de preparo, por mais que esta afirmação não seja verdadeira.

Sofrer de ansiedade, nada mais é, do que sofrer de antemão por um problema, o qual você ainda não precisa enfrentar. Supor através de si próprio, que será uma barreira de três quilômetros, a qual deve ser escalada em uma dezena de segundos, sendo que esta chega sendo um quebra mola, basta notar, que não te dará tamanha dor de cabeça quanto fora imaginado.



Sobre o roubo de nossas riquezas naturais.

Por Edson Araujo

Há uma grande discussão e para além disso um grande movimento nacional sobre o roubo de nossas riquezas naturais.

De um lado pessoas reclamando que nossos maiores tesouros estão sendo tirados do seu lugar próprio e levados para proveitos outros.

De outro, pessoas querendo esconder por seu interesse pessoal os prejuízos de sermos lesados em nossas riquezas naturais, pois são elas que nos dão sustento e poder como, país, estado e nação.

Mas surge uma pergunta: Quais seriam nossas riquezas naturais? Aquelas que nos permite expressar nosso poder máximo em tudo que somos.

Se perguntarmos para maioria dos Brasileiros nós teremos vários níveis de resposta.

Uns dirão que são nossos minérios – sejam quais forem – outros dirão que é nossa terra, história, fauna, flora, nossas descobertas na área da botânica, em fim, de fato todos esses itens têm sua importância e valor.

Sabemos que a explicação desses itens materiais são um fato, mas o que nos trouxe até aqui?

Um exemplo é a família; o que faria uma pessoa não valorizar tamanha riqueza como a família?

Seu trabalho, religião, amigos...

Sabemos que esses são elementos de valor inestimável, mas, por que não se dá o devido valor?

Podemos pensar que para se enxergar os reais valores dos elementos de nossas riquezas naturais é preciso ter no mínimo nível intelectual e também moral.

Um belo exemplo é o fato que só quem recebeu formação para um determinado Campo do conhecimento pode dar o devido valor.

Após esta exposição do nosso momento histórico, quero lançar uma reflexão, pois há um erro de consideração importante nessa linha decadente da lei dos ciclos e é o que de fato nos leva a ser uma sociedade tão materialista que nem se quer consegue enxergar nossas verdadeiras riquezas naturais, pois riqueza natural é aquela riqueza que nos é própria.

Esse texto traz uma pequena reflexão sobre o que pode causar um erro de conceito.

Por sermos tão materialistas nós não nos damos conta de que o que vivemos agora é um sintoma de algo mais profundo e que reside em que, se perdemos nossas riquezas materiais é por que antes perdemos nossas riquezas espirituais e aí está a raiz do problema; aí está o por que de alguns grupos trazerem propostas que nos afastem cada vez mais dos nossos valores mais sutis.

Penso que até essas linhas já é possível perceber que o que chamamos de nossas riquezas naturais, na verdade não são.

Então, o que seriam estas riquezas?

Estariam realmente nos roubando?

Seria isso possível?

Quando citei os itens escritos no início do artigo, eu quis na verdade apresentar as riquezas de nossa terra, nosso país e não como sendo nossas aquelas riquezas pois delas só temos algum conhecimento, e se usamos, devemos fazê-lo de acordo com nossas reais necessidades e não pô-las a serviço de nossos interesses.

Resgatemos então, nossas reais riquezas naturais?

Pois se ricos formos de elementos naturais, tudo a nossa volta será acrescido de sua própria riqueza devidamente.(Mat. 6:33)

Minério, fauna, flora, etc ...

São coisas que a terra nós dá como elemento que vem de dentro, de sua natureza ou essência.

E quanto a nós, quais elementos nós oferecemos ao mundo?

Creio que já dá pra concluir que escrevo a respeito de nossas virtudes, pois são elas que constituem nossa verdadeira natureza, nossa essência.

Em vias de conclusão, deixo claro que não será possível termos este tão sonhado mundo novo e melhor se antes não resgatarmos o que nos foi tirado ou foi por nós negociado, e antes de termos, sermos portadores dos elementos que promoverão este mundo novo e melhor.

Está claro que nossa sociedade está cada vez pior pela falta desses elementos morais, éticos, estéticos e metafísicos.

Há que focar em estabelecermos primeiro em nós e promover ao próximo esta consciência humana que irá reger nossa caminhada no rumo do nosso feliz destino.

Se entregarmos este país nas mãos de homens e mulheres com o caráter espiritual devidamente formado, estaremos livres de todas as ameaças que sofremos hoje.

“Levantemos templos as virtudes, pois elas serão o sol que lança fora toda a treva da ignorância e por fim da decadência”

Que Deus abençoe nossa jornada!!



A Simbiose do Mal

Por Leandro Costa



Não é de um anti-herói ou vilão dos quadrinhos que pretendo escrever, embora a natureza da personagem seja naturalmente ligada ao que será abordado, não se trata de uma ficção a simbiose em questão.

O conceito de simbiose é a coexistência entre dois seres vivos de espécies diferentes com benefícios, ao menos aparentes, para ambos os seres, também é chamada de mutualismo, por pressupor uma reciprocidade, ainda que em desequilíbrio, entre ambos.

Há de se falar de associações entre seres vivos que são denominadas de formas diversas justamente em razão dos benefícios das partes envolvidas, a saber, o comensalismo, no qual apenas um dos lados obtém vantagens, sem causar prejuízos ao seu coabitante, e o parasitismo, em que uma parte se locupleta da outra.

A simbiose pode se transformar facilmente em uma das uniões citadas, mas ainda que não o faça, o mutualismo pode ter os piores fins possíveis, tornando-se um mal de grandes proporções, ainda que conserve sua natureza, bastando, para tanto, que seja a associação essencialmente vil.

Sendo possível uma simbiose com um fim espúrio, poder-se-ia imaginar que ambos os seres que dela fazem parte se beneficiam para causar o mal, o que é a mais triste verdade, entretanto, como cita um amigo, “sempre haverá um entretanto”, se a associação entre dois parasitas poderia ser boa para ambos, alguém lhes servirá de alimento.

Tratando da famosa simbiose dos quadrinhos, vislumbra-se a união de forças para os fins errados em um dos antagonistas do enredo, denominado Carnificina (nome original Carnage), posto que, comunga um ser alienígena desprovido de moral e o psicopata Cletus Kassady, logo, duas forças malignas que se somam.

Voltando ao mundo real, pena que tal simbiose não ocorra apenas na ficção, podemos espiar inúmeros casos em que seres se unem com o fim de se beneficiar mutuamente, mas fazendo o mal a alguém que servirá de “hospedeiro”, o termo correto seria vítima, de tal união.

Algumas associações podem aparentar fins justos, outras deixam claro que seus objetivos não são nobres e, há aquelas que não podem ser declaradas abertamente, pois sua natureza é tão abjeta que devem viver nas sombras, ao menos até que tenha a força de se sustentar mesmo ante da ojeriza por parte daqueles que podem ver sua verdadeira face.

Com os ditos fins justos, preciso voltar a ficção para me fazer entender, poder-se-ia imaginar uma associação supranacional que tem por fim a paz entre os povos, mas que gradualmente subtrai-lhes a soberania tornando-os reféns de uma elite central. Claro que somente em livros e filmes podemos experimentar tais figuras.

Uma outra possibilidade, trazida à luz pelo, à época, Ministro do Supremo Tribunal Federal Marco Aurélio Mello, seria o uso do Poder Judiciário por partidos políticos para obter resultados que não conseguiram nas urnas, e por consequência, nas casas legislativas, in verbis: *“De início, é dado presumir, não estou afirmando que isso ocorra, que esses partidos não são da sustentação do Governo, que esses partidos são de oposição e utilizam o Supremo como instrumento para fustigar, a partir de n presunções, a partir de verdadeiro ranço, no que se tem a origem da Agência Brasileira de Inteligência – Abin, o SNI, o Serviço Nacional de Informações, o Governo – de direita”*. (STF: Medida Cautelar na Ação Direta de Inconstitucionalidade 6.529 DF).

Onde podemos perceber que pode ocorrer a simbiose entre partidos e o judiciário, ou entre estes e o Ministério Público, fazendo que o povo acredite em ações que na verdade são jogadas ensaiadas, uma vez que, o autor da ação sabe o que esperar dos julgadores. Estaríamos diante, não apenas da judicialização da política, mas de julgamentos preordenados, já que conhece-se a postura dos magistrados antes mesmo de se ajuizar a ação, de maneira que, participando ativamente de embates políticos e exteriorizando suas posições antes mesmo de provocados, alguns julgadores dão pistas de quais decisões tomariam em determinados casos, deixando assim o autor da ação confortável em recorrer ao Poder Judiciário e sustentar suas teses, sabendo que aquele que julgará a ação comunga de suas pautas e não faz questão de esconder seu amor ideológico por elas.

Para entender as uniões por motivos não tão nobres pode-se ver, no mundo real, a trágica proximidade entre o Talibã e o Partido Comunista Chinês que garante ao primeiro, claro que com a complacência dos Estados Unidos da América, total ingerência sobre o povo do Afeganistão e ao segundo a liberdade para “reeducar” uigures em seu território.

A hipótese mais sinistra (termo que está em Português, mas serviria muito bem se estivesse em italiano) de simbiose é aquela que não se revela até ter certo poder que lhe garanta a subsistência apesar

do mal que se traduz nela. Um fatídico exemplo é o Foro de São Paulo, cuja existência era negada pela esquerda latino-americana, entretanto, após se permear nas estruturas de poder, saiu das sombras por saber-se protegida em razão de sua força política.

A simbiose do mal existe em inúmeros casos, mas não deve ser confundida com a ramificação do mal, pois tem a natureza de juntar mais de um artífice da destruição, como sindicatos que se unem aos governos e a pior espécie de empresários para fazer um baile que parece uma luta. Enquanto expectadores assistem o que acreditam ser uma batalha, em verdade, contemplam uma dança bem ensaiada entre amantes que, regrados ao melhor que há, encenam de forma convincente para direcionar os menos perspicazes ao destino trágico rumo ao abate.

As lideranças revolucionárias são capazes de se unir para manter-se no poder, mas se há uma justiça natural, e há, elas se autodestruirão buscando aumentar seu poder em relação ao hospedeiro, a simbiose do mal levará, inevitavelmente, os parasitas que se associam ao enfrentamento quanto um deles, ou ambos, se julgar capaz de engolir todo o hospedeiro, considerando que seu assecla ou par já não lhe é mais útil, tendo servido ao propósito para o qual se aglutinaram, tal qual Josef Stalin fizera com Leon Trotsky.

A nação asiática já mencionada nutre uma relação de simbiose com uma elite metacapitalista que, por um lado alavancava o crescimento do país e por outro permitia altas margens de lucro aos empresários. O resultado, uma dependência recíproca em que um grupo tolera os arroubos do outro, ao menos, até poder fincar-lhe um punhal nas costas e jogar aos leões. Trata-se de uma inevitável ruptura, mais fica a dúvida de qual dos simbiotes sairá mais ferido dela.

Há muitas simbioses que poderiam ser exploradas, contudo, é importante salientar que a característica fundamental é que a união seja entre seres diversos e não do fruto, ou ramificação, da própria criatura e a mesma, o que é ainda mais comum.

Os seres simbióticos têm origem diversa e vão se unir por interesse mútuo, podendo a aliança ser duradoura ou momentânea, pode ser ainda homogênea ou heterogênea, no primeiro caso temos o Eixo na Segunda Grande Guerra, em que todos tinham o mesmo fim repugnante, bem como, a Internacional Socialista ou o Foro de São Paulo, mas sendo heterogênea pode unir forças com fins diversos como os Aliados e Soviéticos que deram-se as mãos contra o nazifascismo, mas, por óbvio, qualquer aliança heterogênea deve ser momentânea e não deveria gerar simbioses, mesclar os seres em si.

Decorre de tal constatação algo que deve ser refletido e pode não ter uma resposta simples, a aliança entre metacapitalistas e um país socialista não deveria ocorrer, e ocorrendo, deveria se dissolver rapidamente, sem que a membrana de ambos permitisse a união entre eles, ou, estaríamos diante de uma união homogênea em que ambos, ao seu modo buscam o controle sobre as massas e se fizeram juras

matrimoniais com o fito e subtrair a autodeterminação dos povos, ou ainda pior, o livre arbítrio de qualquer um que não pertença à oligarquia dominante.

A relação entre seres abissais gerará uma criatura forte porém faminta, já que as pretensões daqueles que se aglutinam com propósitos nefastos somam-se para criar uma vontade não tão única mas de força colossal, logo, uma vez retirada a abundância de alimento, no caso se vassalos, aqueles que outrora se uniram para vilipendiar aqueles que serviam de hospedeiros, buscarão alimentos em seus pares, digladiando-se até que um seja engolido ou morto.

Fácil constatar que o destino das partes que se unem pelo mal é se destruírem, sendo pela fome, na falta de quem expropriar, ou pela empáfia de um ou mais de seus criadores, a simbiose do mal é sempre parasitária e precisa de alguém para se alimentar, mas tem um caráter de metástase, tentará avançar até que seu hospedeiro esteja morto ou que seja confrontada.

Neste diapasão é imperioso observar que tal monstro manterá defesas caso venha a ser confrontada, podendo se insurgir contra aquele que busca se livrar dela, por vezes se vitimizando, por outras usando a força para atacar cada vez mais. Qualquer semelhança com a realidade em que vivemos é mera coincidência.

Libertar-se do parasita é essencial, mas não é algo simples, pois, como mencionado, alguns desses seres só se manifestam quando já possuem raízes em órgãos vitais, não podendo ser simplesmente arrancados. Lembrando que cortar-lhes a nutrição fará com que tentem abocanhar ainda mais, tornando-os agressivos.

A primeira coisa que deve ser liberta é a consciência, pois sem saber que as forças malignas estão atuando em sintonia, há o grande risco de se combater uma alimentando a outra, de maneira que não surtirá efeito lutar.

Clique na imagem e inscreva-se!

**REVISTA
CONHECIMENTO &
CIDADANIA**



**Inscreva-se no
canal!**

A Ramificação do Mal

Por Leandro Costa



Como definição de ramo podemos dizer que é a divisão ou subdivisão de algo, como por exemplo de galhos de uma planta, originando-se de outro galho ou de um caule.

Diferentemente do efeito da simbiose, na qual dois ou mais seres se juntam por um interesse comum, a ramificação é quando um ser maior se subdivide para alcançar seu objetivo. Como um rio que se divide em filetes buscando o caminho do mar.

A ramificação do mal difere-se da simbiose, justamente, porque um de seus membros é derivado de outro ser nefasto, que, como forma de buscar propagar sua intenta abissal, dividir-se-á quantas vezes conseguir para então abocanhar sua presa.

Como não falar em Saul Alinsky, fundador, mesmo que de forma indireta, de aproximadamente quarenta e quatro organizações não governamentais, todas elas engajadas em promover a revolução. Até mesmo o Ex-presidente dos Estados Unidos da América, Barack Obama, figurou como ativista. O sociólogo gramscista espalhou diversas organizações e fomentou a instabilidade através da revolução naquele país, tendo sua obra “Regras para Radicais” (tradução livre), influenciado milhares de ativistas, sejam de grupos raciais, feministas, pautas LGBT, ambientalistas e outras tantas.

Importante ver um exemplo de simbiose entre o ativismo revolucionário e o crime organizado no trecho do Mestre em Geográfica [Antônio Carlos](#):

“Na sua juventude, na década de 1930, Saul Alinsky foi apresentado ao famoso ”Al Capone” e sua gangue, onde teve estreita aproximação com o número 2 da máfia (Frank Nitti), com quem confessa

ter aprendido bastante sobre a organização criminosa de Al Capone, absorvendo todas as táticas que a máfia utilizava para se manter a organização poderosa (e criminosa) que foi”.

A grande diferença entre os seres simbióticos e os ramificados é justamente o fato de que os primeiros podem se unir para buscar algo, no caso o mal em comum, já os ramificados, muito mais perigosos, são facetas diferentes do mesmo ser, não havendo o ponto em que se confrontam.

Um outro exemplo curioso é o do [dragão vermelho](#), gigante nação asiática socialista, que ora realiza uma espécie de simbiose com metacapitalistas ávidos por lucro e poder, no segundo caso por serem de natureza progressista mesmo, ora tal nação prefere incentivar o crescimento de empresas parceiras de origem local para que se tornem gigantes internacionais.

Uma pequena pausa para reflexão, realmente é inacreditável que possam assumir que exista alguma grande empresa de porte considerável crescendo na sombra do Partido naquele país sem constatar que tal corporação é, na verdade, um órgão governamental que tem uma figura interpretando ser o proprietário. Basta ver o caso da “suposta” espionagem praticada por uma empresa de telecomunicações daquele país e a forma que a ditadura atuou em defesa da empresária, algo como o resgate de uma espiã capturada, ou ainda mais grave, o estranho desaparecimento de um empresário do ramo de exportações, que aparentemente desagradava o regime, tendo, logo em seguida reaparecido, mas com uma atitude bem mais amistosa em relação aos tiranos.

Assim como as organizações criadas pelo sociólogo gramscista, trais empresas parecem ter sido criações do regime socialista que comanda a nação mais populosa do mundo, sendo ramificações de tais seres, que servem de instrumentos para atingir seus ignóbeis objetivos.

Na América Latina as coisas não foram diferentes, a metodologia é a mesma, por mais que nomes se alterem, como podemos observar a parceria entre grandes empresas e governos tirânicos, tivemos em nosso país s chamadas “campeãs nacionais”, o entrelaçamento entre metacapitalistas e um plano de tomada de poder orquestrado, que por vezes era nutrido pela corrupção, por outras bençãos governamentais, ou, somente pela vontade de ver a submissão às pautas progressistas. O ativismo revolucionário parece ter afetado os mais poderosos de tal forma que a simbiose está causando um grande estrago em suas mentes.

A ramificação do mal também pode ser vista a olho nu, movimentos sociais e sindicatos patrocinados por agremiações políticas, organizações não governamentais que se banqueteam de incentivos estatais, mudando até mesmo a nomenclatura para organizações sociais com o fim de receber diretamente verbas públicas, lei de incentivo à cultura sendo usada para aliciar nomes influentes e farta verba destinada aos veículos de comunicação comprando a simpatia de quem deveria relatar de forma equidistante.

Ramificam-se as teses que defendem o desconstrutivismo e propagam cada vez mais o sentimento revolucionário, ao mesmo tempo em que apertam o enforcador quando duas pautas nitidamente progressistas se chocam, fazendo com que a “reinvenção dos fatos”, a pós-verdade, convença os idiotas úteis a abrir mão de toda sua vontade em submissão aos desmandos dos artífices da revolução.

Curioso espiar como feministas reagem ao avanço de homens, que se declaram mulheres, em áreas de atuação diferenciada, silentes ao perceberem que uma mulher se vê constrangida a prática de esportes, inclusive de contato, contra seres cuja constituição física resulta em uma flagrante vantagem. A aceitação passiva de grupos LGBT quando a ditadura chinesa trata homossexuais como doentes, mas não aceitam que um sacerdote, não queira celebrar a união entre duas pessoas do mesmo sexo com base e suas convicções, ou pedem a demissão por conta da opinião de u atleta já consagrado, e o pior, tal pedido é acatado por um grupo que prefiro não adjetivar, aceitando a pressão de uma empresa outrora associada a um regime abjeto, a FIAT, “*A famosa Fabrica Italiana Automobili Torino tem sua vida pública menos associada a Hitler e mais ligada à Itália Fascista de Mussolini*”.

Não é justo deixar de mencionar a relação entre o socialismo e o crime organizado, em verdade, há dois tipos de coexistência entre ambos.

No primeiro caso pode-se mencionar o chamado Jogo do Bicho, a contravenção, que parece ter um comportamento cujo objetivo central é o poder econômico, associando o uso da violência e a rentabilidade, mafiosos dos quais a esquerda socialista não faz a menor questão de se distanciar, acima isso já foi exposto, mas no Brasil temos como exemplo o caso envolvendo Carlinhos Cachoeira, acusado de financiar políticos e até a imprensa.

Por fim, não em caráter de simbiose, mas de ramificação da revolução, temos o narcotráfico, e porque não chamar pela definição mais correta, **GUERRILHA NARCOSSOCIALISTA**, sim, é uma braço armado do socialismo latino-americana e dá continuidade a luta armada. Diferente do que muitos pensam, eles não desistiram das trincheiras para ir aos debates acadêmicos, apenas colocaram pessoas demasiadamente desinformadas para ficar de frente no combate enquanto as movimentam como peças em seu tabuleiro doentio.

As facções criminosos resultam do aliciamento político de marginais para lutarem uma guerra contra a sociedade, tanto que lhes foi dada a proteção acadêmica e política, a narrativa de que são vítimas da sociedade os faz ser a antítese de um estado de coisas que os fez cárem na marginalidade, logo, se sente impelidos a reagir, embora suas ações não sejam contra aqueles tiranos que realmente massacram o povo, estão a serviço justamente dos déspotas que os insuflam contra o cidadão de bem, tem sua moral despida, são escravos das drogas que comercializam, tornando-se idiotas úteis com armas de guerra nas mão.

Assim como grupelhos revolucionários, são amados pela grande mídia e, por vezes, protegidos por autoridades, que são capazes das piores sandices para garantir que esses agentes do caos sob seu comando inconscientemente aterrorizem cada indivíduo, fazendo-o incapaz de erguer a cabeça contra os abusos. Nota-se que é uma prática latino-americana, não se dá de forma exclusiva no Brasil, sendo seu maior expoente as FARC, mãe do partido colombiano Comuns (mudou o nome para se dissociar da organização criminosa, qualquer semelhança é a imaginação do leitor).

Façamos um exercício mental para compreender como o cerceamento de liberdades parece ser incentivado contra os bons e é rechaçado quando se fala dos guerrilheiros, como a energia usada para fechar estabelecimentos comerciais ou exigir uso de mascarás e vacinas poderia ser direcionada contra as facções do crime organizado.

Ao mesmo tempo que se busca impedir operações policiais em comunidades, relegando os moradores ao julgo de criminosos, tentam autorizar a demissão de não vacinados sem nunca ter autorizado a demissão de usuários de drogas.

O fruto do mal, por sua vez, é a colheita por realizada por aqueles que semeiam o caos, trata-se da imposição de um sistema totalitário em uma sociedade adoecida por tudo aquilo que foi implementado pelos agentes do socialismo, mesmo que de forma inconsciente, a degradação da vida em sociedade fará com que os indivíduos, arrebanhados por grupos que dançam a valsa da morte acoitem aqueles que tentam-se manter livres e implorem por um feitor que os escravizem.

Eles se diversificaram, se enraizaram e não desistirão tão fácil, é necessário entender que estas faces têm um só coração, o socialismo a maior chaga da humanidade.

“Um rei governa súditos propensos a aceitá-lo, um tirano governa quem não o quer.” escreveu George Buchanan, influente erudito escocês do século XVI.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE JURISTAS CONSERVADORES

Caderno ABRAJUC

Primeiro Fórum da ABRAJUC

Por Pedro Costa

Será apresentado uma suma do que ocorrera, de forma sucessiva, isto é, neste artigo sairá sobre o Fórum em si, nas demais, há de ser mencionadas as mesas cujo fora o momento para abranger o conhecimento dos ouvintes.

Tendo isto em vista, o Fórum teve como começo o Hino Nacional e uma reza em conjunto, demonstrando que o C, em ABRAJUC, não está ali atoa, elevando o sentimento de patriotismo – o qual já mantinha-se elevado, uma vez que fora no Clube Militar do Rio de Janeiro – e resguardando o sentimento de família e religião.

A partir deste prelúdio, teve-se a cerimônia de posse, onde alguns membros do corpo diretivo receberam seu certificado e broche, todavia, algo breve, nada que demorasse muito, pois o principal eram as mesas de debates.

Houve discurso do João Daniel, Presidente da associação, para dar-se o início às mesas, entretanto, este primeiro artigo é apenas para ambientar os leitores, de modo que, no primeiro momento, pularei estas as quais serão o destaque outrora.

Ao lado de fora do salão, no corredor, havia uma venda de livros dos próprios membros, criando uma interação e troca de conhecimento, não só no debate ao vivo, mas também nesta movimentação de livros, puxando uma doutrina de viés conservador, pois, um jurista lê um livro o qual da base para este em determinado assunto, faz com que o livro seja uma doutrina, a qual o jurista irá recomendar para outrem, e assim sucessivamente. Por este motivo, a troca não só de ideias no boca a boca, mas também de forma literária, faz-se extremamente necessária.

Para finalizar, houve-se outro discurso, com uma série de agradecimentos e motivações, finalizando o Fórum. Os membros ali presentes foram convidados para uma confraternização em restaurantes, os quais podiam optar se iam ou não.

Variedades

Sugestões culturais

Por Edson Araujo

Filme:

Deus está não morto

Quando o jovem Josh Wheaton entra para a universidade, ele conhece um arrogante professor de filosofia que não acredita em Deus. O aluno reafirma sua fé, e é desafiado pelo professor a provar a existência de Deus.



Livro:

Portões de fogo

O rei Xerxes comanda dois milhões de homens do Império Persa para invadir e submeter a Grécia. Em uma ação suicida, uma pequena tropa de 300 temerários espartanos segue para o desfiladeiro das Termópilas para impedir o avanço inimigo. Eles conseguem conter, durante sete dias sangrentos, as tropas invasoras. No fim, com suas armas esfaçalhadas, arruinadas na matança, lutam “com mãos vazias e dentes”. Relatados diretamente ao rei pelo único sobrevivente grego, os fatos são apresentados ao leitor de maneira vívida e envolvente. Mais do que somente com a batalha, o leitor entra em contato direto com o modo de vida desses antigos guerreiros, sua rotina, seus valores, sua coragem, seus ideais. A narrativa empolgante de Steven Pressfield recria, assim, a épica Batalha de Termópilas, unindo, com habilidade, História e ficção.



Poema:

Cântico VI

Tu tens um medo:

Acabar.

Não vês que acaba todo o dia.

Que morres no amor.

Na tristeza.

Na dúvida.

No desejo.

Que te renovas todo o dia.

No amor.

Na tristeza.

Na dúvida.

No desejo.

Que és sempre outro.

Que és sempre o mesmo.

Que morrerás por idades imensas.

Até não teres medo de morrer.

E então serás eterno.

Música:

O Anel Sem Palavras · Richard Wagner (versão de Lorin Maazel)

[Clique na imagem e ouça](#)



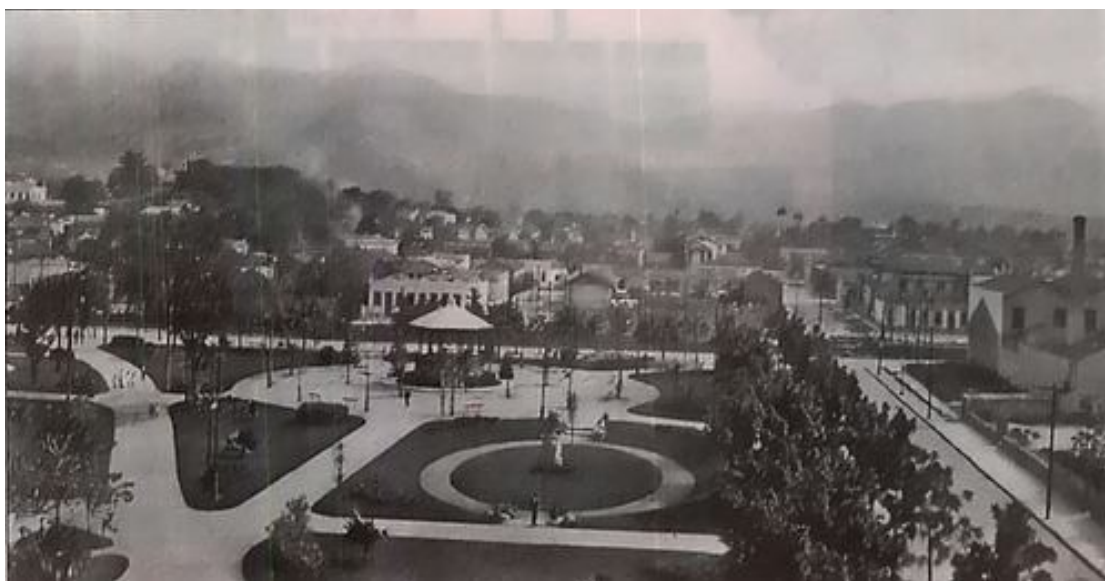
Reflexão:

*- SERIA DE ESPERAR, CAVALHEIROS
(...) QUE A EXPECTATIVA DE
ENCARAR OS MELHORES
COMBATENTES DO IMPÉRIO PERSA
NOS INTIMIDASSE. MAS JURO A
VOCÊS QUE ESSA BATALHA SE
REVELARÁ DE TODAS A QUE MENOR
LEVANTARÁ POEIRA.*

Para ajudar a continuarmos com este trabalho, doe qualquer quantia:
PIX: 28.814.886/0001-26

Méier

Por Munique Costa



Jardim do Méier – 1916

A ocupação da região começou quando Estácio de Sá, fundador da cidade do Rio de Janeiro, doou aos jesuítas a extensa Sesmaria de Iguaçú, que incluía os atuais bairros do Grande Méier, além do Catumbi, Tijuca, Benfica e São Cristóvão. No entorno de onde hoje é o Méier, os religiosos instalaram três engenhos de açúcar, com o emprego maciço de mão de obra escrava. Mas, quando em 1759 o Marquês de Pombal expulsou os jesuítas, a posse das terras passou para Manuel Gomes, Manuel da Silva e Manuel Teixeira.

Em pouco tempo, os três mandaram devastar a vegetação natural para explorar a madeira e, mais tarde, aproveitaram o terreno para o cultivo de frutas e hortaliças. Posseiros e foreiros foram atraídos para os espaços vazios que restaram, o que indiretamente facilitou o processo de ocupação. Escravos alforriados construíram barracos no Morro dos Pretos Forros, também conhecido como Serra dos Pretos Forros, que fica na região próxima à atual Água Santa.

Mais tarde, o povoamento se intensificou devido à descoberta de ouro nas proximidades da Rua Frei Fabiano, em especial nas encostas do Morro do Vintém, assim chamado em função do pagamento, com poucas moedas, pelo trabalho no garimpo, tanto de escravos como de homens livres à procura de riqueza.

Nome alemão batizou o bairro

No século XIX, Jerônima Duque Estrada casou-se com o encarregado pelas roupas da corte imperial, o comendador Miguel João Meyer, descendente de alemães. O primogênito de seus nove filhos, Augusto Duque Estrada Meyer, se destacou como acompanhante do imperador Dom Pedro II, recebendo

o título de camarista e extensas terras que se estendiam desde a Estrada Grande, atual Rua Dias da Cruz, até a Serra dos Pretos Forros.

O camarista Meyer abriu várias ruas e deu a elas os nomes de parentes, como os filhos Carolina, Frederico e Joaquim. Era o início do atual bairro do Méier, versão aportuguesada do sobrenome Meyer. Por aquela época, a região tinha crescido em importância como polo de abastecimento de alimentos para a cidade do Rio.

Já a partir de 1858, quando começaram a circular os trens da Estrada de Ferro D. Pedro II, se tornou mais efetiva a ocupação dos subúrbios que surgiam ao longo da linha férrea e nas redondezas das estações. Após a proclamação da República, ela passou a se chamar Estrada de Ferro Central do Brasil. Em 1879, por iniciativa de Lucídio Lago – que, aliás, também virou nome de rua na localidade –, a Companhia Ferro Carril, com tração animal, chegou à área.

O Méier seguiu seu progresso nos trilhos. Uma parte do passado do bairro está ligada diretamente à história dos trens. O aniversário da estação ferroviária do bairro é utilizado como data de fundação do bairro: 13 de Maio de 1889.



Foi nos anos 1950 que o bairro passou a ter grandes proporções. Em 1954, o Méier ganhou o Imperator, na ocasião, a maior sala de cinema da América Latina, com 2.400 lugares. Em seguida, foi a vez do Shopping do Méier se instalar no bairro – o primeiro do gênero a ser inaugurado no Brasil.

Fontes: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/458-meier-do-ouro-ao-samba#:~:text=Nome%20alem%C3%A3o%20batizou%20o%20bairro&text=Era%20o%20in%C3%ADcio%20do%20atual,da%20Estrada%20de%20Ferro%20D>

<https://diariodorio.com/historia-do-meier-o-orgulho-do-suburbio-e-dos-suburbanos/>



Caderno Direito nas Escolas

Administração Pública Indireta

Por Leandro Costa e Munique Costa

O governo, ou seja, a administração pública direta ela cria outra figura para exercer determinadas tarefas, e essas funções não necessariamente é algo que só o governo prestaria. Há serviços que a iniciativa privada pode prestar, mas existem alguns serviços que tem natureza pública.

A administração pública indireta se divide em quatro tipos de entidades e estas irão se dividir de acordo com sua característica. São elas:

Autarquia

É pessoa jurídica de direito público. A diferença entre direito público e direito privado é que neste último a relação se dá entre as partes, ou seja, entre pessoas e no direito público a relação é entre Estado e pessoa.

Basicamente o ramo do direito privado é o Direito Civil, já quando falamos em direito público existem vários ramos, são eles: Direito Penal, Direito Processual, Direito Internacional, enfim todo o ramo onde o interesse do Estado entrar.

As autarquias não são reguladas como empresas comuns, possuem regras próprias. Exemplos: Detran, Banco Central, Previdência Social entre outras.

Para criar uma autarquia precisa de lei e seus funcionários são estatutários.

Fundação Pública

Ela precisa exercer uma função sem fim lucrativo, ou seja, não pode ser uma empresa para ganhar dinheiro, precisa ter uma função social, mas esta é pessoa jurídica de direito privado, regulada pela lei comum. Em regra, não contrata sem concurso, não compra sem licitação porque essas regras estão presas nos princípios gerais da administração pública. Exemplo: Fundação Palmares, GEAP...São fundações privadas criadas por decreto.

Obs.: A Fundação Fiocruz não é fundação, a função dela é de autarquia.

Empresa Pública

Essa pode trabalhar com a ideia de mercado, com atividades que visam lucro, por exemplo, a Caixa Econômica, os Correios. Pessoa Jurídica de Direito privado seus funcionários são celetistas.

Nestes o “dono” é o governo, não é possível vender ou comprar ações da Caixa Econômica, por exemplo.



Caderno Direito nas Escolas

Empresa de Economia Mista

Pessoa jurídica de direito privado, nesta modalidade, o governo fica com o suficiente para administrar, ou seja, a maior parte, mas o restante pode ser vendido. Logo existem ações do Banco do Brasil, da Petrobras.

Aproveite a dica!

"Com conhecimento se constrói cidadania!"

Mas

É uma conjunção adversativa que exprime ideia de contraposição a algo dito anteriormente. Pode ser substituída por outras expressões que garantem o mesmo sentido à oração, como "porém", "todavia", e "contudo".

Exemplo: Esforçou-se para ir bem na prova, mas não tirou uma boa nota;

Ela caiu, mas não se machucou.



Mais

É comumente usada como advérbio de intensidade, mas também pode assumir a função de preposição, substantivo, pronome indefinido e até conjunção. É o contrário de menos e faz referência à soma ou ao aumento de quantidade.

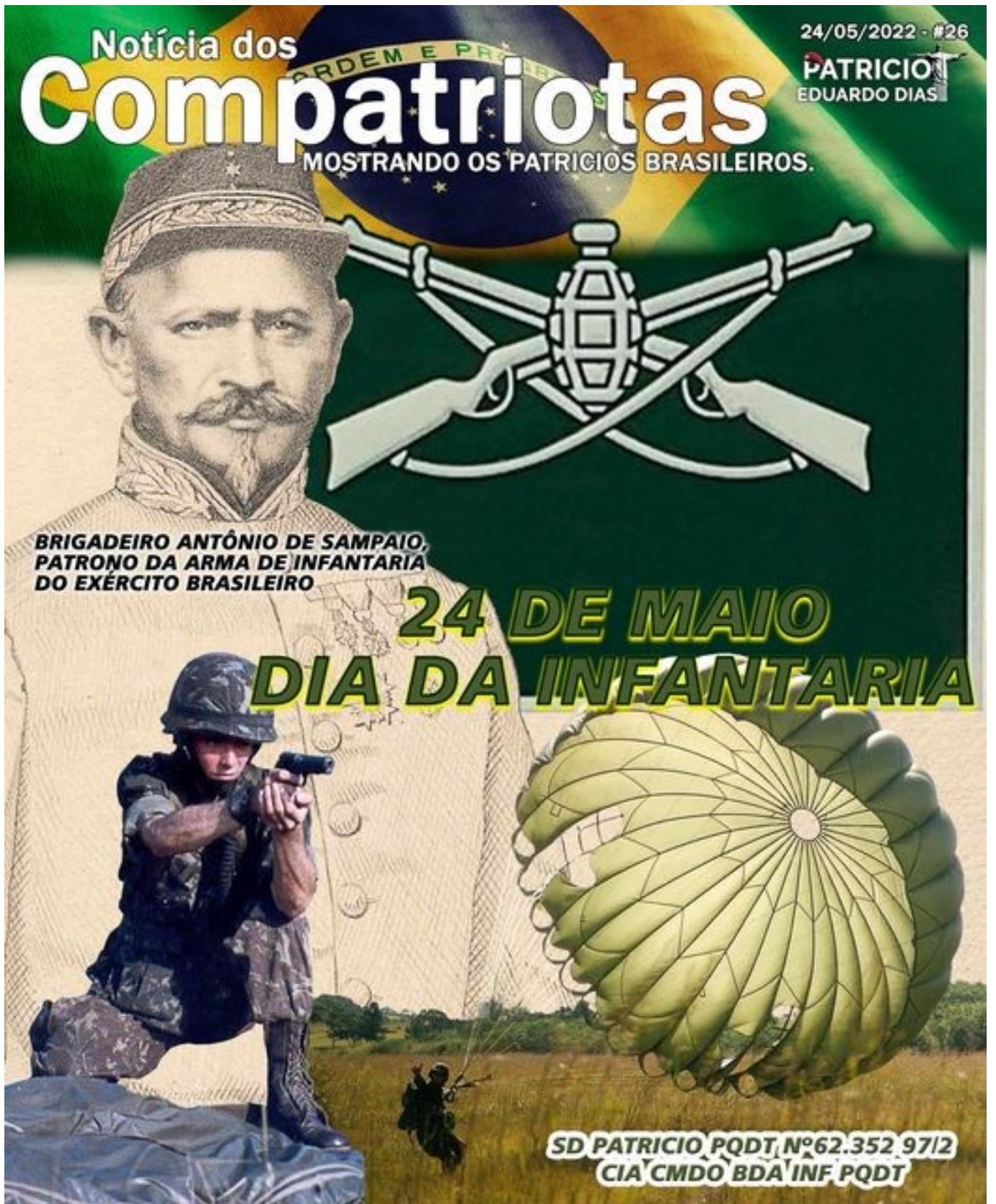
Exemplo: Quero ir a mais festas neste ano;

Quanto mais ele fala, mais eu entendo sobre o assunto.



Humor

Por Patrício Eduardo Dias



Redes sociais

Canal Revista Conhecimento & Cidadania

Inscreva-se e compartilhe!



Colaboradores



www.direitonasescolas.com



[@ConservadorRio](https://www.instagram.com/ConservadorRio)



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE JURISTAS CONSERVADORES

[@abrajuoficial](https://www.instagram.com/abrajuoficial)



[Patricio Eduardo Dias RJ](https://www.instagram.com/PatricioEduardoDiasRJ)

**Para ajudar a continuarmos com este trabalho, doe qualquer quantia:
PIX: 28.814.886/0001-26**

Garanta o seu!!!



Revista Conhecimento & Cidadania

A REVISTA DIGITAL DA DIREITA CONSERVADORA



Por Apenas
R\$ 19,90

Acompanhe-nos nas redes sociais

 @RevistaConhecimentoCidadania

 @revistaconhecimentocidadania

 @revistaconhecimentocidadania



Na compra do E-book da Revista ganhe o E-book: O mínimo que você deveria saber para votar em 2022.



Compre aqui

